



Moment Factory em Montreal



Jason Bruges Studio - Platform 5 em Madrid



Edifício Roca em Barcelona

Iluminação cénica e iluminação arquitectural

Inicialmente a iluminação cingia-se à iluminação natural tornando as noites substancialmente longas. Com a descoberta do fogo passou a ser possível afugentar os perigos que a noite trazia consigo bem como iluminar após o pôr-do-sol permitindo a execução de tarefas simples. Ao longo do tempo, a luz foi adquirindo um papel não só ligado à execução de atividades do quotidiano tornando-se também num elemento que servia de suporte ao entretenimento, uma vez alcançada uma relativa qualidade de vida e um maior conhecimento do Homem e do Mundo.

A iluminação acompanhou a evolução dos tempos passando por inúmeros avanços tendo sido com a iluminação elétrica que se deu o salto efetivo para uma nova realidade. Atualmente, o papel da iluminação é mais abrangente, revelando a arquitetura e humanizando os espaços, mas também, e cada vez mais, este adquire a função de entretenimento por si só, conquistando um novo protagonismo. É frequente a ideia de que iluminação cénica e iluminação arquitetural têm propósitos completamente distintos.

A iluminação cénica vive numa realidade mais próxima da artística e muito ligada ao conceito, tendo como cliente o encenador e a sua base de estudo o guião, os figurinos, cenários, maquilhagem, etc. A iluminação cénica deve transmitir emoções que ajudem a contar uma história tantas vezes carregada de simbologia, traduzindo, por exemplo, silêncios aparentemente incógnitos. Mas se na sua

gênese a vertente artística era primordial, hoje em dia a vertente técnica ganha terreno e alarga a dimensão do espetáculo em si. Primeiro com novos tipos de aparelhos e sistemas de regulação (por exemplo, o candeeiro a azeite, ou os arcaicos sistemas de válvulas controladoras do fluxo de gás nos tubos colocados em diferentes pontos da sala de espetáculo) e depois com a iluminação elétrica, assistiu-se a uma revolução na iluminação de cena.

Novas tecnologias aliadas a potentes projetores, acessórios como lentes e gobos, robótica, interatividade, projeções de imagens e sistemas de controlo dinâmicos, atribuem uma nova visão do espetáculo mais interessante e mais intensa. Deixa de prevalecer o conceito por si só para se aliar às novas possibilidades que a tecnologia viabiliza, incrementando maior impacto ao espetáculo. Luz, sombra, cor, formas, movimento, intensidade...

Por sua vez, a iluminação arquitetural tem uma índole mais técnica, em que os parâmetros qualitativos são ainda muitas vezes subjugados aos quantitativos, bem como o recente enfoque, por vezes excessivo, na eficiência energética. O crescimento tecnológico permitiu desenvolver novas fontes de iluminação cada vez mais eficientes, com tendência para a miniaturização como é o caso dos LEDs, permitindo consequentemente novas aplicações tal como fachadas de luz e, mais recentemente, a tendência de projeção e vídeo mapping.

Verifica-se assim uma mudança bastante positiva em que a tendência é aliar uma perspetiva mais artística a este tipo de iluminação tradicionalmente técnica, valorizando a arquitetura através de novos conceitos. Fazem parte do nosso quotidiano cada vez mais ambientes que nos preenchem os sentidos com diversos cenários de luz, trazendo dinamismo e um lado emotivo que têm em consideração a relação entre o utilizador e o espaço arquitetónico.

Assiste-se a um encontro saudável de valores de ambas as tipologias de iluminação sem no entanto perderem a sua própria identidade. Tal se deve bastante ao contributo de pessoas ligadas a áreas criativas como é o caso de arquitetos e designers cujo conhecimento se torna uma mais-valia para o enriquecimento dos espaços, atribuindo-lhes novas vivências, trazendo as pessoas para fora das suas casas e apelando a uma vivência em comunidade, quer através de espaços interativos (interiores e exteriores) ou dos cada vez mais populares festivais de luz que proliferam pelo mundo inteiro.

Numa sociedade sedenta de informação e emoções imediatas, a iluminação apresenta-se como um meio que permite alimentar visualmente muitas mentes tanto numa sala de espetáculo, numa praça ou no seu local de trabalho.